

Linguagem escrita, interações e a pandemia (Covid-19): vivências em cursos de formação de professores

Written language, interactions and (Covid-19) pandemic: experiences in teacher formation courses

Lenguaje escrito, interacciones y la pandemia (Covid-19): experiencias en cursos de formación de profesores

Maria Betanea Platzer¹

Palavras iniciais²

Recentemente, deparou-se com um cenário mundial de transformações que geraram imensuráveis ações e reflexões diante da pandemia (Covid-19), impulsionando a questionamentos, incertezas, expectativas e desafios.

De acordo com o Ministério da Saúde, “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (BRASIL, 2021, [n. p.]).

Diante do exposto, fica evidente o quanto o cenário pandêmico supracitado atingiu as relações humanas e em diferentes âmbitos, entre eles, políticos, sociais, econômicos, culturais e educacionais.

Há amplas discussões sobre os efeitos dessa pandemia que marca a humanidade, diante de outros fatos impactantes já conhecidos historicamente. Diferentes áreas do conhecimento tecem suas tentativas de contribuições para a compreensão de algo que está em evidência.

Questionamentos se sobressaem perante à vida social: o que fazer? Como proceder? Qual decisão mais coerente e assertiva? O que está por vir? Ouvimos e lemos diversificadas justificativas na tentativa de compreensão da realidade instaurada.

Diante das vivências atuais e das indagações que as rodeiam, propõe-se neste texto alguns apontamentos referentes à área educacional, em especial, o ensino remoto, realidade que atingiu de forma intensa (anos de 2020 e 2021) a Educação Básica e o Ensino Superior, considerando que abruptamente migrou-se do espaço sala de aula presencial para os estudos de forma remota apoiados pelo meio digital.

¹ Universidade de Araraquara - UNIARA

² A primeira versão deste texto consta nos Anais do XXI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (2023).

Nesse contexto, há inúmeras críticas, pontuando por um lado possibilidades de avanços e, por outro, retrocessos. Cientes das discussões que estão sendo geradas em torno da educação perante impasses passados, atuais e futuros que essa área experimenta intensamente, propõe-se dialogar sobre as possibilidades de relações humanas oriundas do ensino remoto.

Apresentam-se considerações sobre linguagem verbal, especialmente escrita, no processo de formação inicial de futuros licenciados, apoiadas em nossos estudos e experiência na docência em uma Instituição de Ensino Superior localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo e que diante da pandemia Covid-19 reorganizou-se para que as aulas pudessem ser mantidas, mas na condição do ensino remoto, por meio do uso de ferramentas *online*.

A partir da realidade posta a inúmeros professores e graduandos, foca-se na temática referente a percepções e sentidos que se podem partilhar com base nas experiências que o ensino remoto tem possibilitado marcadas especialmente pelo uso da linguagem verbal escrita.

Ensino superior e docência: reflexões acerca da formação de professores

Atuando como professora universitária há duas décadas, especialmente nos cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas no período noturno, são inúmeros os desafios enfrentados, focando especialmente na formação de futuros professores.

Na condução das Disciplinas ministradas (entre elas, Produção de Texto, Alfabetização e Letramento, Metodologia Científica e Didática), além de trabalhar os conteúdos específicos, a ênfase nas práticas de leitura e escrita releva atenção especial, uma vez que se compreende a necessidade da formação de profissionais da educação que tenham o domínio do código escrito, considerando leitura, interpretação e produção de textos escritos.

Formados no curso de Pedagogia poderão assumir, entre outras, a tarefa direta de alfabetizar e letrar, mas, ainda que responsáveis por outros conteúdos, como no caso dos licenciados em Ciências Biológicas, entende-se que licenciados deverão em sua formação inicial estar atentos a necessidade de domínio da linguagem verbal e, quando profissionais atuando diretamente como professores, também deverão dedicar atenção a tais proficiências nos processos formativos de seus alunos.

No período de ensino remoto a atenção ao uso da linguagem verbal escrita, foco das discussões aqui propostas, esteve-se presente, assim como até então prevalecia nas aulas presenciais. Todavia, ao inserir-se na realidade de aulas adequadas à condição da pandemia

Covid-19, ampliam-se e intensificam-se outras possibilidades acerca do uso da linguagem escrita. Evidentemente que não se negava nas vivências docentes anteriores, mas certamente a atenção e a sensibilidade para o valor acerca de seus usos para além de aspectos focados em atividades específicas não eram consideradas de forma intensa como aconteceu especialmente nos quase dois anos em que pelas aulas ao vivo a oralidade prevalecia, mas nas partilhas de atividades escritas solicitadas de modo frequente e pelas ferramentas possibilitadas por tecnologias isso se tornou mais presente. O que favoreceu encontros e partilhas ainda que em total distanciamento físico, mas que, sem dúvida, aproximávamo-nos: professora e estudantes universitários.

São algumas dessas vivências registradas neste texto e que permitem dialogar sobre a docência em movimento e suas possibilidades de (re)construções contínuas atreladas a condições cotidianas que nos solicitam continuamente reflexões e ações. Compreende-se, conforme pontua Pimenta (1999, p. 19), “[...] o caráter dinâmico da profissão docente como prática social”.

Certeau (1994, p. 265), em sua obra intitulada *a Invenção do Cotidiano*, pontua que “[...] a história das andanças do homem através de seus próprios textos está ainda em boa parte por descobrir.” É justamente nesse contexto que se insere esta produção: o objetivo de partilhar experiências de uso da linguagem escrita em um processo de interação humana, em seus múltiplos aspectos, como forma de “[...] adentrar nessa realidade e compreendê-la [...]” (MELO, 2002, p. 03), ainda que cientes de não se esgotar o olhar para a escrita em suas infinitas possibilidades.

Linguagem escrita, formação docente e ensino remoto: alguns apontamentos

As discussões estão pautadas na perspectiva defendida por Geraldi (1999, p. 41) que, ao pontuar sobre concepções de linguagem, afirma: “[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana”.

Com base nas reflexões propostas, foca-se na escrita mediada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação. Pelo teclado, diante da pandemia Covid-19, estabelecem-se interações que promovem encontros entre professores e licenciandos.

Rapidamente, fazem-se necessárias adaptações acerca da formação de futuros professores. Há desafios, sem dúvida. Há apropriação da escrita como uma possibilidade dialógica de aproximação, notoriamente intensificada.

Textos digitalizados e vídeos de domínio público somam-se às aulas ao vivo de modo *on-line*, mensagens de voz e textos escritos pelo uso de aplicativos. Formas de interação que possibilitam as relações e possibilidades de interação professor e aluno até então existentes, mas que se intensificam e tornam-se exclusivas diante das interações não presenciais, no processo de formação inicial.

Em destaque, a escrita em sua materialidade no suporte digital cria condições que merecem reflexões. Acesso a informações e, sobretudo, conhecimentos faz-se necessário atendendo a objetivos traçados para a formação docente. Todavia, pontua-se o quanto esse processo favorece aproximações, que permitem empatia.

São inúmeras situações vivenciadas nesse período de pandemia na condição de docente nos cursos de licenciatura (conforme exposto, Pedagogia e Ciências Biológicas), possíveis de serem partilhadas. Ao se perceber a necessidade de prosseguir, ainda que diante de tantas inquietações, afloram-se ideias de Paulo Freire acerca dos saberes necessários à prática docente em que o diálogo se torna a marca de suas principais reflexões: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História” (FREIRE, 2008, p. 136).

De fato, movimento permanente de nossa história e que se torna marcado por sentidos singulares diante do ensino remoto que atinge a milhares de alunos em diferentes níveis de ensino, entre eles, o Ensino Superior.

É pelo tecer da escrita que se valoriza as possibilidades de aprendizagem e de interações humana e que se partilha algumas dessas vivências no cotidiano da Covid-19.

São vários os exemplos a serem descritos e que necessitam de dialogicidade, como enunciados e *feedbacks* acerca das atividades propostas. Mensagens recebidas por *e-mails* e particularmente na própria sala de aula virtual acerca da não compreensão do enunciado de determinadas atividades foram frequentes. Dúvidas partilhadas em espaços criados para interações coletivas também se fizeram presentes. São registros escritos que solicitam diálogos e aproximações focados em conhecimentos específicos.

Mas são, especificamente, nesses espaços de trocas de mensagens que se evidenciam marcas no tecer pela escrita que exigem acolhimento. Nesse cenário, aparecem mensagens

redigidas que retratam as dificuldades para lidar com essa nova forma de vivenciar a educação acadêmica, no caso, pela condição do ensino remoto. Entre outros aspectos, ficam evidentes as expectativas acerca de como prosseguir nessa configuração instaurada nos processos formativos de futuros licenciados.

Solicitações de orientações sobre como estudar, destacando como organizar a rotina diária no distanciamento social para, em sua casa, concentrar-se nas diferentes tarefas exigidas pelo curso de graduação. Conciliar o novo cotidiano ao desafio de se conectar aos estudos, até então ocorridos em um espaço específico: a universidade.

São inquietações vividas pelas condições de se estar diante de uma pandemia e que revelam inúmeros dilemas e enfrentamentos.

Como docente, ficam evidentes as marcas da escrita como possibilidades do estudante dialogar, partilhar inquietações e manifestar o anseio por orientações e apoio. São traços que revelam o uso do código escrito em suas potencialidades e que favorecem compreendê-lo diante de suas inúmeras possibilidades.

Conforme exposto, evidenciam-se o escrever e o ler como forma de inserção na sociedade letrada e, nas experiências retratadas neste texto, como aproximações e externalizações dos desafios enfrentando no dia a dia em um cenário pandêmico.

Palavras finais

No decorrer das disciplinas ministradas, os estudantes tecem suas vivências e inquietações por meio da escrita. As aulas remotas mobilizam saberes docentes e, nesse processo, evidencia-se o uso a escrita para manifestarem o domínio de conteúdos solicitados pelas Disciplinas cursadas e potencializam-se suas condições de partilharem inquietações vividas pela condição do distanciamento social.

Separados fisicamente e unidos pela tela do computador, as aulas ao vivo transcorrem com contornos adaptados a condição exposta. E nas leituras diárias de *e-mail* e registros postados em outras ferramentas usadas no modelo virtual, como mensagens instantâneas e fóruns de discussões, a escrita ganha força para o acolhimento e sensibilidade docente.

Nesse processo, surgem inquietações e reflexões diante do que é ser docente na atualidade e a partir da pandemia Covid-19. Reflete-se sobre a mobilização de saberes que pelo cenário vivido exige reorganizá-los e sobre novos saberes que se tornam necessários.

Discussões estas que estão em evidências e que geram possibilidades de diálogos com experiências vividas pelos profissionais da educação, em especial, professores e que geram condições de pesquisas científicas acerca dessa realidade. Na mesma condição pode-se destacar o ser estudante diante da realidade do ensino remoto e as inúmeras possibilidades geradas de partilhas de vivências e pesquisas sobre essa temática.

Escritas construídas durante as aulas remotas e que permitem (re)leituras e aproximações entre sujeitos, no presente caso, professora e estudantes e que instigam reflexões acerca dos sentidos da escrita e da profissão exercida.

Referências

- BRASIL. O que é a Covid-19?, **Ministério da Educação**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano, vol. 1**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 39-56.
- MELO, O. M. F. C. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. 2002. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2002.
- PIMENTA, S. G. Professor: formação, identidade e trabalho docente. *In*: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 16-34.

Sobre a autora

Maria Betanea Platzer: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCLCAr/UNESP). Docente de Ensino Superior dos Cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas e do PPG Processos de Ensino Gestão e Inovação na Universidade de Araraquara - UNIARA. Integrante do Grupo de Pesquisa Formação Docente e Práticas Pedagógicas (CNPq/UNIARA).
E-mail: beplatzer@yahoo.com.br

Recebido em: 30 jul. 2023
Aprovado em: 19 nov. 2023